

Instituto SEDES SAPIENTIAE
Departamento de Psicanálise

Sonhos e chistes em Freud

(Releitura de *Os chistes e a sua relação com o inconsciente*)¹

¹ Freud, S. *Os Chistes e a sua relação com o inconsciente* (1905). In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Direção da edição bras. Jayme Salomão, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1996, vol. VIII. Citarei: (Os Chistes, 1905, p....).

“Os sonhos servem predominantemente para evitar o desprazer, os chistes, para a consecução do prazer: mas para estas duas finalidades convergem todas as nossas atividades mentais.”

S. Freud, *Os Chistes e sua relação com o inconsciente*

Introduzindo ²

O fulcro brilhante dos sonhos e dos chistes, mas também do humor, é aquilo que chamo livremente de trabalho psíquico do prazer-desprazer, e este parece poder fascinar sempre. Parece ser este trabalho tão especial para nós todos, o chão dos afetos sentidos no psiquismo, e pensados por Freud, desde os seus textos iniciais até, ao menos, *Além do princípio do prazer* (1920). É contudo impossível, nesta brevíssima monografia, refazer o caminho desse conceito complexo, e é hora para bem menos.³ Rastrearei assim, de leve, sem pretensões conclusivas, momentos em que aparecem sonhos e chistes, no livro *Os Chistes e a sua relação com o inconsciente* (1905), e incluirei ainda mais breves reflexões sobre o tema do humor, apresentado por Freud, em artigo escrito vinte dois anos mais tarde, intitulado “O Humor” (1927).⁴

Sendo sempre o prazer-desprazer a meta de minhas breves reflexões, encontrarei ao final – ao menos, tenho esperança! – o lugar onde fica a terra da fruição provocadora do prazer feliz espelhado que inclui o Outro. Espero chegar ao prazer estético, que contorna o desprazer. Farei breve passagem pelo prazer da nossa

² Colhi, aqui e ali, reflexões muito interessantes, de outros leitores dos textos de Freud. As que aparecem em seguida, são apenas terra para plantar idéias minhas em um outro tempo, ainda incerto. Aqui é só um ensaio tímido.

³ Deixei de lado as definições mais longas, como a de prazer-desprazer por acreditar que os meus colegas de leitura de Freud já a visitaram em algum momento.

⁴ Em “O Humor”, Freud retoma o tema que tratara na última parte dos *Chistes* (1905), mas agora à luz de sua nova representação da estrutura do psiquismo, tripartida em Super-ego, Ego e Id. Cf. Freud. “O Humor” (1925)., ib. vol. XXI.

entrega às fruições do belo estético, ou talvez, melhor ainda, à nossa entrega ao “jogo de espelho entre criador e os destinatários, *identificação*, em suma”⁵, em um rapidíssimo vôo pela conferência “Escritores criativos e devaneio”, proferida por Freud, em 1908.⁶

E assim nesses sucessivos momentos, segui aglutinando textos em torno do tema prazer-desprazer, que fascinam sempre o leitor menos acostumado com a teoria da psicanálise. Enfim: é o meu deslumbramento que aflora no meu próprio texto. A partir dessa descoberta e encanto, tracei um caminho breve, não tão racional com certeza, nem sei se bem articulado, para abranger todas essas figuras do psiquismo: antes de tudo, sonhos e chistes, com breve passagem pelo humor, e tudo isso desembocando, como rio tranqüilo, na terra do belo prazer estético (assim espero, não custa repetir!).

Articulado sem rigidez, o meu esquema começa pelos sonhos brilhando em imagens e pensamentos subterrâneos a nós mesmos, para nos deixar dormir tranqüilos, para impedir a entrega ao desconforto desprazeroso de pulsões adormecidas no inconsciente, desde a infância. Depois vêm os chistes que na vida consciente nos levam subitamente ao prazer de deixar aflorar à consciência as raízes infantis profundas, para produzir prazer, em trocadilhos e jogos engraçados e inteligentes com uma ou mais palavras. Enfim vem depois o humor, com a vitória inacreditável de um ego não-repressor, sendo esse ego amigo do nosso prazer no riso. Começo então a percorrer – ordenadamente ou quase – estes três temas enlaçados à vitória do prazer em nossas vidas, troféu do psiquismo, sendo o seu lado humano, demasiadamente humano (emprestando a expressão de Nietzsche).

Para começar, uma inquietação de leitor iniciante: sendo introspectivos os sonhos, sendo meus ou seus somente, como revelar essa sua semelhança com os chistes? Vou em busca, agora pelo caminho dos sonhos.

⁵ Mezan, Renato. “A ‘Ilha dos Tesouros’; relendo *A piada e sua relação com o inconsciente*”. In Slavutzky, A. e Kupermann. *Seria trágico... se não fosse cômico. Humor e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Brasiliense, 2005, p. 190.

⁶ Freud. “Escritores criativos e Devaneio” (1908[1907]), *ib.*, vol. IX.

Sonhos

Em *Os Chistes e a sua relação com o inconsciente*, na sua “Parte teórica”, começa-se pela busca do deciframento do *sentido* dos sonhos. Sonhos, revela Freud, são cuidados de nosso psiquismo para evitar o desprazer da erupção sem limites de desejos infantis – essas raízes inconscientes do eu do adulto – que sedimentam o nosso psiquismo, e que podem chegar ao limite de destruir o sono tão necessário para o ciclo da vida. Sonhos nos deixam dormir, e Freud narra o porquê de tal mágica do nosso aparelho psíquico.

Aliás, lembre-se que, em sua vida, Freud desvelou o significado dos sonhos, analisando os seus próprios sonhos, se auto-analisando. Aquilo que ensina Freud é *teoria* psicanalítica, mas antes de mais nada é *experiência* vivida intensa, e estas, teoria e experiência, parecem apontar o *modo* ou caminho para chegar ao significado ou *sentido* dos sonhos, que sempre têm algum qualquer, sendo abertos a interpretações talvez quase infinitas. Parece, a Freud, que interpretá-los é chegar ao *logos* do sonho, com suas leis imanentes próprias, que se oferece ao olhar do sonhador, pelo desvio apenas do olhar do analista.⁷

Então narra Freud o que se segue. À noite, dormimos pois este é o ciclo natural de nossas vidas: o apagamento da nossa vida consciente ali acontece. Quando despertamos, lembramos de nossos sonhos: a essa lembrança, Freud dá o nome de “conteúdo manifesto” ou relato do sonho.⁸ Costuma sempre esta lembrança do

⁷ E sobre isto, entre outros, assim comenta Jean-Bertrand Pontalis: “Quando lemos a *Traumdeutung*, tendemos a confundir o objeto da investigação – o sonho – com o método e a teoria que ele permitiu a seu autor constituir. (...) A *Traumdeutung* (...) não é, para nós, o livro da análise dos sonhos, e menos ainda o livro do sonho, mas o livro que, por intermédio da lei do *logos* do sonho, desvenda a lei de qualquer discurso e funda a psicanálise”. (cit. por Roudinesco e Plon, Dicionário..., p. 722). *Logos* encarnado no psiquismo, teoria e experiência entrelaçadas, poderia acrescentar, olhando de outro lado a mesma *Interpretação dos sonhos*.

⁸ Consulte-se as instigantes reflexões de André Carone sobre as relações de *conteúdo manifesto* com *relato*, e entre elas esta que se segue: “Para a questão que desejamos lançar agora basta notar que o trabalho de interpretação é sempre precedido pela fabricação deste *relato* do sonho. A tarefa de interpretar aderiu a um tal ponto à figura de Freud que o relato do sonho passou

sonho ser bastante ilógica – porque cuida de embaralhar o tempo dos relógios – e também, costuma ser caótica – pois sobrepõe imagens em enigmas sem muito sentido – ou ainda tem simples *aparência* de clareza transparente e inócua.⁹

O conteúdo manifesto dos sonhos parece ser, em síntese, certo *nonsense* absoluto, e provoca nosso espanto quando conscientemente pensamos nele. Também, lembre-se ainda, que navegam nos sonhos certos “pensamentos latentes” que mal conseguimos compreender: esses, ao serem decifrados pela análise psicanalítica, revelam-se como ocultamento de desejos, desejos antes irreconhecíveis, desejos enraizados nas profundezas do nosso velho psiquismo infantil, enfim, desejos recalçados.¹⁰

A bem verdade, narra Freud, logo vê o analista que a trama do sonho começou antes do apagar-se da consciência. Tudo teria começado durante o dia anterior ao do sonho, que ainda estaria para acontecer. Invadiram o sono, ameaçando perturbá-lo “(...) uma trama de pensamentos, usualmente muito complicada, elaborada durante o dia mas incompletamente manipulada – um ‘resíduo diurno’ – (...)” (*Chistes*, p. 152). No silêncio da consciência, antes do sonho, começou a “elaboração onírica” a fluir – anarquicamente? Os resíduos diurnos inquietos têm

a ser compreendido como um registro neutro e objetivo das imagens oníricas. Enxerga-se nele a reprodução pura e simples do conteúdo manifesto, o ponto de partida para o resgate do conteúdo latente e a descoberta do sentido do sonho. Esta neutralização do relato também se deve (...) à sua linguagem. O registro verbal é de fato o elemento inicial que conduz à interpretação, e pode-se dizer também que ele corresponde ao conteúdo manifesto do sonho.” (Carone, A. “A linguagem de Freud”, In: *Artefilosofia*, Ouro Preto, n. 11, pp. 111-129).

⁹ Só notando, de passagem, pois o espaço que disponho me constrange: parece que o conteúdo manifesto do sonho, que está em nós, quando nega o tempo e embaralha o espaço no disforme, ou ainda oculta tempo-espaço em supostas organizadas formas (em todo caso, ocultando o conteúdo latente a ser analisado...), esse conteúdo manifesto parece negar, em algum sentido, as concepções filosóficas de tempo e espaço, que Kant construiu laboriosamente em sua *Crítica da Razão Pura*. E refletindo sobre essa concepção kantiana de tempo-espaço, lembre-se também que sobre ela se ergueu parte importante do edifício da moderna ciência positiva. Só de passagem, insisto: sem pretensões, abrindo diálogo somente.

¹⁰ O termo “recalque” costuma ser aplicado aos casos patológicos de histeria, contudo é central na descrição de outras patologias do psiquismo, e em geral, está presente na vida psíquica “normal”. Laplanche e Pontalis indicam que o recalque pode ser considerado um “processo psíquico universal, na medida em que estaria na origem da constituição do inconsciente (...)” (Laplanche e Pontalis, *Dicionário*, p. 430) . Seria assim, em minhas palavras, como uma parede de pedras que vai sendo construída em nosso psiquismo, vedando a passagem entre as regiões do psiquismo, e cavando mais e mais profundamente a região do inconsciente, que mais tarde será descrito como Id, região do indeterminado psíquico, lembrando aqui o *Isso* de Groddeck. Em infinito.

como trabalho construir um desejo, por meio da “elaboração onírica”: “(...) para fornecer um fulcro à elaboração onírica, o ‘resíduo diurno’ deve ser capaz de construir um desejo” (Id.). Mas parece ser esse um desejo mascarado, o do adulto. Indo até à análise de crianças, Freud explica mais em detalhes. As crianças, ou melhor, a vida psíquica das crianças, mostra que qualquer desejo que ficou da vida desperta infantil costuma suscitar um sonho que invade o seu psiquismo. E este é muito claramente percebido pelo analista como a “realização de desejo”. Desejo infantil sem recalques, ou quase, costuma esse se realizar às claras. Mas no psiquismo dos adultos, o desejo que se soma ao resíduo diurno e impulsiona a construção ou elaboração dos sonhos, não se apresenta livremente, já que foi recalcado nas profundezas do inconsciente, posto na escuridão do esquecimento, sendo agora apenas os “velhos” desejos infantis mascarados, transfigurados. Parte então Freud-analista à procura do “conteúdo latente dos sonhos”, ou seja: busca ele o *sentido* ou as significações que estão abrigadas em um sonho. Descobre logo o tanto de desgaste que precedeu o aflorar do conteúdo manifesto do sonho noturno na pessoa desperta – trabalho árduo, com dispêndio de energia e interesse, e denominado por Freud “trabalho do sonho”. Desordenadamente, sabe agora Freud, trabalho do sonho se fez por meio da “condensação”, do “deslocamento”, da “figuração”, dos “pensamentos oníricos”, sendo estas as formas psicanalíticas que desvelam o caminho da construção do “núcleo do sonho”¹¹. Este agora, o *núcleo do sonho*, é o lugar em que se dá o “retorno do recalcado”, visível em seus disfarces surpreendentes, em suas formas alucinantes: ou seja, o desejo infantil aparece agora na forma do irreconhecível. Sendo o desejo recalcado a busca da prática da análise, procura essa que coincide com a psicanálise, que é ela mesma sendo isso. Nessa espécie de busca da gênese dialética do sentido do sonho, pede-se a “livre associação” de idéias do analisado, e sua fala livre abre-se em lacunas, falhas, desejos, idéias...etc, para as (infinitas) interpretações, guiadas pelo atento olhar do psicanalista, e colocado na perspectiva da *possível*/objetividade da teoria freudiana.

¹¹ Voltaremos logo abaixo ao trabalho do sonho, que aqui interessa muito para compreender a sua vizinhança com o “trabalho dos chistes”.

E do mesmo Freud se originou essa brilhante explicação: são como que duas línguas diferentes que se confrontam e se completam, a língua do conteúdo manifesto do sonho, contada pelo analisado, e a outra, da interpretação onírica, guiada pelo psicanalista, esta sendo a tradução da primeira das duas línguas, tradução do seu conteúdo latente, ou da brilhante-obscura eclosão dos significados até aqui submersos abaixo dos sonhos. Sendo este ainda o outro modo de expressão dos sonhos cujos sinais e leis o analista maneja descortinando sentidos em concluiu secreto com o analisado: reinterpretação do tempo que passou no âmbito do tempo presente.¹² E nesse momento, as associações mentais – a “livre associação” – do sonhador podem ser, por assim dizer, apenas a morada do sentido resgatado-doado aos sonhos, na qual o analista apenas habita provisoriamente, sendo ele o visitante (nem sempre bem-vindo!).

Pensamentos oníricos latentes, conteúdo latente dos sonhos transpassado ao seu conteúdo manifesto, isso tudo e ao mesmo tempo, narra, por meio da palavra falada, a (re)construída “verdade” do sonho, e sua interpretação transborda em livres associações sob o olhar do analista.

Mas voltemos atrás. Como trabalha o sonho, visto por Freud, como ocorre a elaboração onírica do sonhador? O material do qual são feitos os sonhos, não são apenas os restos diurnos depositados na consciência desperta. Com a elaboração onírica, acontecem processos de “representações alucinatórias”, de abandono das estruturas lógicas do pensamento em troca de simples impressões sensoriais despidas de sentido: “A elaboração onírica (...) submete o material dos pensamentos, apresentados no modo optativo, à mais estranha das revisões. Primeiro, passa do optativo ao presente do indicativo, substitui o ‘Oh! se ao menos...’ pelo ‘É’. Confere-se então ao ‘É’ uma representação alucinatória (...) (Os Chistes, p. 154). Acontece aqui a regressão da lógica às suas fontes sensoriais, que muito faria pensar à filosofia!

A este material diluído nas sensações desconexas vão se entrelaçando, como se fossem fábricas de imagens, as figurações, às vezes bem animadas, às vezes,

¹² Freud, em *Die Traumdeutung* (1900), cit. por Laplanche e Pontalis, *Dicionário de Psicanálise*, 1999, p. 99

estáticas. Mas existem ali enigmáticos pensamentos oníricos. O que são esses estranhos pensamentos subterrâneos à consciência, seu porão imperscrutável e sem limites? Os pensamentos oníricos vão sobrevoando como aves, sem nenhuma classificação na ornitologia conhecida, vão eles planando entre e através às figuras dos sonhos, sendo fragmentos de idéias, espécies de habitantes ideativos-delirantes passeando entre as figurações.

Mas há, antes de todos esses pensamentos estranhos, dois processos em andamento: o do deslocamento e o da condensação. E a palavra é de Freud: “Para que seja possível aos pensamentos oníricos serem representados em forma sensorial” – em *figurabilidade* – “sua expressão deve sofrer modificações abrangentes” (Os Chistes, p. 154).

Pensando nesta última, a condensação, chegamos à lembrança de uma figura de linguagem, conhecida de todos: a metáfora. Como ocorre nas metáforas, que substituem significantes determinados por outras palavras, muito simplesmente a condensação pode ser assimilada à energia que emana das figuras ou as cadeias associativas e as substitui por outros significantes de “grande intensidade sensórica”, aqueles aos quais o sonhador literalmente se agarra para não ter o seu sono interrompido, para enfim evitar o desprazer. Vejam Freud: “Isto é demonstrado pelo fato de que as coisas que estão situadas na periferia dos pensamentos oníricos, e que são de importância menor, passam a ocupar uma situação central, aparecendo com grande intensidade sensória no sonho manifesto, e vice-versa” (Os Chistes, p.155). Significantes no lugar de outros: metáforas sonhadas, as menos importantes guinadas à primeira importância.

O deslocamento, por seu lado, “desliga” a energia de representações ideativas, (não apenas de palavras incomodantes, mas de elaborações construídas por palavras), e procura “ligá”-la a outras, mais tranqüilas e assimiláveis para um sonho tranqüilizador, sem o desprazer contínuo do sono interrompido.¹³ O deslocamento tem parentescos com a metonímia que, como figura de linguagem, consiste no emprego de um termo por outro, dada a relação de *semelhança* ou a possibilidade

¹³ A condensação, de algum modo, relaciona-se ao deslocamento, lembra Laplanche e Pontalis, “o deslocamento do prazer genital para outra zona corporal”, por exemplo (Dicionário da Psicanálise, p. 117).

de associação entre eles. Escreve Freud lembrando-nos que “a tarefa da formação do sonho é, acima de tudo, superar a inibição da censura” – o recalque – “e precisamente esta tarefa é resolvida pelos deslocamentos de energia psíquica dentro do material dos pensamentos oníricos” (Os Chistes, p. 156).

As duas energias psíquicas assim trabalham juntas para ocultar o recalcado, para não deixar espaço para que ele se manifeste, indesejável que é para a consciência do sonhador. Em breve síntese: todo o material do sonho trabalha para impedir o retorno do desejo infantil recalcado que, no apagamento da consciência, quer explodir por todos os lugares, quer ocupar todos os espaços, quer transbordar e comandar a consciência (e adiantando: os chistes permitem sim essa invasão explosiva de brincadeiras infantis!). O sonho é o substituto psíquico do desprazer que foge assustado, desfeito que é por esse produto maravilhoso das nossas humanas cabeças.¹⁴

Ao reverso dos sonhos, existem os chistes, que nunca sendo substitutos do prazer, são, isto sim, o próprio prazer encarnado no psiquismo humano. Dos chistes, com brevidade, falaremos a seguir. Infelicidade para mim que tenha que assim ser: com brevidade (... como muitos chistes são: lapsos de palavras).

¹⁴ Olhados por outro ângulo, os sonhos se aparentam às formas de arte e de literatura, e estas, quantas inumeráveis vezes, assemelham-se aos sonhos muito mais do que almejaríamos os seus criadores. Tal parentesco enigmático – sonho-arte-literatura – é, pensemos um pouco, maravilhoso! E em época recente emergiu à consciência teórica por meio do ideário da estética chamada “surrealista”, quando esta “libertou” a palavra, em atos da “escrita automática”, dos códigos gramaticais e dicionários, e fez dessa origem a fonte inesgotável do inconsciente, quando identificou sonho e realidade no âmbito do mistério da vida. Dali, Breton, Artaud e tantos outros artistas plásticos, escritores, escultores beberam dessa fonte da estética do imaginário livre, que renasceu depois, e renasce sempre, sendo tão inesgotável quanto a teoria/prática psicanalítica.

Chistes ¹⁵

Os chistes não ocultam desprazer em imagens e pensamentos oníricos, em criações delirantes ou em seqüências estranhamente coerentes, enfim, não são figuras ou fugas misteriosos do desprazer, como acontece nos sonhos. Porém – e é paradoxal! – são, eles, igualmente como os sonhos, produtos maravilhosos das nossas humanas cabeças!

Chistes, antes de tudo, são jogos inteligentes com palavras, uma ou mais de uma, sempre dirigidos a alguém, a “terceira pessoa”, e destinados a fazer comentários espirituosos, engraçados ou, muitas vezes, sexualmente apimentados sobre uma “segunda pessoa”, esta sempre ausente. E então nos perguntamos: sendo jogo com palavras, brincadeira com palavras, porque os chistes – estranharíamos nós! – se originam no inconsciente, como os sonhos, entrelaçamento este sugerido no título do livro de Freud? Ou então procurando traçar outro caminho, apenas para começar: os chistes não seriam talvez *reminiscências* de jogos e brincadeiras que as crianças gostam de fazer com as palavras, quando tinham o pensamento ainda não aprisionado pela lógica rígida, jogos estes que ficaram largados, como inutilidades e restos esquecidos, em nosso inconsciente?

Seriam do tempo, confirma Freud, tais jogos infantis com a língua, quando ainda exercitávamos (brincávamos...) com a “nossa capacidade de pensar logicamente”, sem levá-la muito a sério: *pulsão do fazer* antes da experiência do pensar, sustentada esta última pela lógica. “O jogo – guardemos esse nome – aparece nas crianças que estão aprendendo a utilizar as palavras e a reuni-las. Tal jogo obedece

¹⁵ Irei contornar a polêmica criada ao redor da palavra alemã “Witz”, polêmica que traspassa várias outras línguas e que, além do mais, tem várias implicações relacionadas ao seu conceito freudiano. Escolho aqui a tradução mais consagrada no Brasil, e vou verter “Witz” por “chiste”, simplesmente. O termo freudiano *Witz, de certo modo intraduzível*, remete a uma brincadeira ou jogo infantil que “invade” o psiquismo do adulto, por um breve lapso de tempo e que se expressa em uma única palavra (trocadilho, *Kalauer*, termo alemão quase que intraduzível) ou em um conjunto de palavras (tomando, entre outras, a forma de: “juízo lúdico”, “desconcerto e esclarecimento”, *nonsense* e assim por diante), e que visam um ouvinte, às vezes para comentar outra pessoa, mulheres sobretudo. Em sua *brevidade* sempre buscada, os chistes têm como objetivo provocar riso moderado ou gargalhadas intensas de “um terceiro” (como no caso da forma, digamos, clássica do chiste freudiano, a de *smut*, tipo de pornografia masculina). É chamado chiste “verbal” o jogo com uma palavra, e “conceitual”, o jogo com pensamentos. De tudo isso, ou um pouco menos (com toda certeza!), procurarei desenhar o conceito, em linhas singelas, no que vem a seguir.

provavelmente a uma das pulsões que compelem as crianças a exercitar suas capacidades” (Os Chistes, 125).

Pois, entre as crianças, as palavras ainda flutuam entre significados, ainda não estão coladas a algum dos significados, não passaram ainda pelos dicionários e gramáticas codificadores: enfim, são significantes vazios de conteúdo, vazios de significados, ainda como navegadores ao léu, no mar do dizer livre da criança. Como Freud escreve, de modo lapidar, são momentos em que as crianças estão “(...) ainda acostumadas a *tratar as palavras como coisas...*” (Os Chistes, p. 117, grifo meu).¹⁶

O fazedor de chistes, que é por certo um adulto, repete aquele jogo infantil movido por impulso – pulsão livre de censura e feliz de si! –, contornando o recalque que tudo faz para impelir a flutuação da energia psíquica para o fundo oco do inconsciente. É o que parece querer dizer Freud, quando comenta: “Quem quer que permita à verdade escapar em um momento de distração, em realidade se alegra por livrar-se da mentira!” (Os Chistes, p. 105).

Mas sendo jogos, os chistes tem regras – as “técnicas de elaboração dos chistes” – e tantas e muitas são desveladas por Freud, na “Parte Analítica” de *Os Chistes e sua relação com o inconsciente*.¹⁷ Falemos então das técnicas de elaboração dos chistes, mas antes um recado importante. Uma coisa parece certa – e este é um princípio da psicanálise freudiana: nem se cogite em separar a técnica do chiste de seu assim chamado “conteúdo intelectual”. E Freud escreve, desvelando um dos

¹⁶ Jogo infantil com palavras, eis um exemplo: “Quem não se divertiu quando criança fazendo um interlocutor cair na armadilha da associação significante? A repetição de uma palavra remete automaticamente a outra(s), de sonoridade semelhante e sentido díspar. Diga dez vezes a palavra ‘ema’; depois, nove vezes, depois oito vezes etc... Ao final, com os fonemas ‘e’ e ‘a’ ressoando nos ouvidos da mente, responda depressa: qual é o nome da clara do ovo? Ao que se responde, sem hesitar: ‘gema!’” (Kehl, Maria Rita. “Humor na infância”. In *Seria trágico ... se não fosse Cômico*, ed. cit., p. 61). Brincadeira com palavras que, para Freud, poderia ser lida de modo ligeiramente diferente: “Notamos (...) que as crianças, *ainda acostumadas a tratar as palavras como coisas* tendem a esperar que palavras idênticas ou semelhantes tenham, subjacente, o mesmo sentido – fato que é fonte de muitos equívocos dos quais os adultos se riem.” (Os Chistes, p. 117, grifo meu).

¹⁷ Escrevi “tantas e muitas” pois, em momento algum, Freud demonstra acreditar que, em seu livro e com suas análises, está abrangendo a *totalidade* do universo dos chistes. Este universo lhe parece estar sempre crescendo e acrescentando novas técnicas, tanto quanto são sem fim os conteúdos semânticos expressados por essa espécie de linguagem dos chistes, comparável a todas as outras existentes, em todos os tempos. Linguagem e criação andam juntas, no entender de Freud especulador, pensador não-positivista.

segredos mais secretos da técnica de elaboração dos chistes – técnica esta que, fique bem claro aqui e sempre, só é possuída por uns poucos adultos: “(...) os comentários chistosos produzem em nós uma impressão global na qual não conseguimos separar a parte devida ao conteúdo intelectual da parte devida à elaboração do chiste” (Chistes, p. 94). No universo psíquico de criação dos chistes, pertencente a alguns poucos, não cabe essa compartimentação, essa rigidez lógico-formal que afasta a técnica, do conteúdo. Pois o chiste é elaboração livre, jogo, diversão, para produzir o *prazer* para o que o faz e provocar também o *prazer* em outro. Sendo jogo livre afasta-se do lógico-formal, que enquadra.

Avançando um pouco mais na visão deste prazer, vemos que certos chistes (que Freud chama de “tendenciosos”) envolvem três pessoas: a que o elabora, aquela que é seu objeto, e um ouvinte (atento). “O processo do chiste na primeira pessoa produz prazer pela suspensão da inibição [recalque] e diminuição da despesa local; não parece entretanto chegar ao fim senão por intermédio de uma terceira pessoa interpolada, obtendo o alívio geral através da descarga [de energia psíquica]” (Chistes, p. 150). A segunda pessoa é o objeto da graça, o motivo do jogo e do riso, e a terceira, é o seu ouvinte encantado pela beleza do chiste feito pela primeira pessoa, sempre palavra ou frase inteligente e espirituosa.

Contudo, o segredo do chiste a ser desvelado por Freud (assim acredita ele e reafirma sempre a mesma idéia), é essa espécie de mistério que acontece no psiquismo da *primeira pessoa*, o fazedor do chiste. Primeiro por que é dele o trabalho psíquico de elaboração do chiste, e é a ele que pertence a técnica posta em movimento. Tudo se resume em interrogar os chistes existentes para saber como o seu *fazedor* consegue este feito de elaborar, ao mesmo tempo, uma forma lingüística que faz corpo único com seu conteúdo, sem nunca deixar brecha alguma na forma-conteúdo (caso contrário, por uma brecha bem pequena, esfacela-se o chiste, ou ele é bem fraco, como há tantos). E aqui reaparece a pessoa Freud, que somente pode desvelar esse segredo porque é, ele próprio, sujeito da experiência de fazer chistes!

Freud estuda as técnicas de elaboração do chiste por todos os lados - e em si mesmo, antes de tudo – levando em conta todos os seus múltiplos aspectos e se

apoiando largamente nos estudos já feitos por outros autores, dos quais analisa detidamente as teses, no primeiro capítulo e a elas retoma, a todo momento, no deslizar do seu magnífico texto! Conclui a certa altura, o seguinte: “os critérios e características apresentados por esses autores, (...) tudo isso, é verdade, parecem-nos à primeira vista tão estritamente adequado e tão facilmente confirmado pelos exemplos, que não podemos correr o risco de subestimar tais concepções. Mas elas são *disjecta membra* que gostaríamos de ver combinados em um todo orgânico.” (Os Chistes, p. 22). As várias leituras de outros autores – “juízo lúdico, a conjugação de coisas dissimilares, as idéias contrastantes, o ‘sentido do *nonsense*’, a sucessão de desconcerto e esclarecimento, a revelação do que estava escondido, e a peculiar brevidade dos chistes” (Os Chistes, p. 22) – nada esclarecem em profundidade, são como partes desconexas (*disjecta membra*) que resistem a formação de uma *totalidade orgânica*. Mas nunca, em momento algum, Freud abandona, ao alçar o âmbito da teoria, a experiência vivida, e escreve assim, no final destas observações acima: “É, pois, natural que escolhamos como assunto de nossa investigação exemplos de chiste que nos tenham impressionado mais no curso de nossas vidas e que nos tenham feito rir mais intensamente” (Os Chistes, p. 23).

Volto então às técnicas de elaboração dos chistes – ou melhor, dos chistes que fizeram com que Freud risse com gosto! – e aqui vamos encontrar, em particular no capítulo II, “A Técnica dos Chistes”, um longo estudo de todas aquelas formas/conteúdos já enumeradas (mas sendo ainda partes desconexas (*disjecta membra*)), cada uma delas pesquisada com mais afinco que jamais, até o ponto em que Freud alça, agora sim, o âmbito da mais pura teoria psicanalítica, quando faz convergir todas as técnicas de elaboração dos chistes aos processos de condensação e descolamento, tal como foram pensados com relação aos sonhos. Chiste de condensação *com formação de um substituto* ocorre quando se reduz duas ou mais palavras em uma nova palavra, que contudo é inexistente no dicionário. Ri-se da graça dessa condensação, que sendo de sentido inexistente, é, contudo, de sentido compreensível para o ouvinte. Mas há também os chistes de *condensação com modificação*, ou seja, aquele assim exemplificado neste exemplo: “Viajei com ele tête-à-bête” – chiste que brinca com a substituição da palavra “tête”

¹⁸ por “bête”¹⁹, e que afinal está querendo dizer “Viajei com X lado a lado, e X é um estúpido”.²⁰

“Nossa próxima tarefa” – prossegue Freud – “será investigar a relação entre a técnica de deslocamento e a forma de expressão do chiste”, e completa: “ (...) um chiste de deslocamento independe, em alto grau, da expressão verbal. Depende aqui não das palavras *mas do curso do pensamento*” (Os Chistes, p. 57, grifo meu). Exemplificando o próprio Freud, com minhas próprias palavras: um indivíduo pobre tomou emprestado 25 florins de uma pessoa abastada, após muitas explicações sobre seu aperto de vida. Exatamente no mesmo dia, o abastado encontra o pobre em um restaurante, fartando-se com um prato de maionese salmão. O abastado generoso repreende o pobre: “Você empresta meu dinheiro e vem comer esse prato sofisticado em um restaurante?” É *nisso* que usou meu dinheiro? Responde o desprovido: “Não lhe compreendo, se não tenho dinheiro, *não posso* comer maionese de salmão; se o tenho, *não devo* comer maionese de salmão. Bem, quando vou então comer maionese de salmão? (ver Os Chistes..., p. 55-56, grifos de Freud).

A esses dois processos – a condensação e o deslocamento – como conclui Freud, parecem convergir as formulações mais comuns dos chistes. Momentos destes dois processos podem ser destacados para mostrar seu entrelaçamento entre chistes aos sonhos. Lembremos da brevidade dos chistes – “(...) que não é na verdade essencial, mas extremamente distintiva” –, brevidade que parece brotar “de não sei onde”: como que palavras involuntárias, como que brotassem do inconsciente. “Temos (...) um indefinível sentimento, cuja melhor comparação é com uma ‘*absence*’ [ausência], um repentino relaxamento da tensão intelectual, e então, imediatamente, lá está o chiste – em regra já vestido em palavras” (Os Chistes, p. 158). E pensando em si mesmo, escreve Freud perspicaz: “ uma alusão chistosa

¹⁸ A expressão francesa “tête-a-tête” significa “situação ou colóquio de duas pessoas que se encontram uma diante da outra”.

¹⁹ A palavra francesa “bête” significa “besta, animal, estúpido, etc”.

²⁰ Sobre a condensação, ver da pg. 33 a 57 de *Os Chistes....* Sobre os deslocamentos, ver da pg. 57 em diante, até o final do capítulo “A técnica dos chistes”.

(...) emerge sem que eu possa seguir [em mim mesmo] esses estágios preparatórios em meus pensamentos” (Os Chistes, p. 158).

Enfim, todos estes *estágios preparatórios* são desvelados pelas análises de Freud, em seu livro magnífico *Os Chistes e suas relações com o inconsciente*, e talvez muito mais para colocar (muita) luz nessas brilhantes proximidades com as psicopatologias da vida quotidiana. Pois, para produzir prazer pela suspensão da censura, e fazer rir ou provocar gargalhadas, um chiste não necessita da teoria psicanalítica: basta ser bem formulado e ser bem recebido por outro. E Freud, melhor que ninguém, sabia disso! Basta, para tanto, ter a rebeldia sem censura.

Humor

Em “O Humor”, está dito, com leveza que desperta interesse: “O humor não é resignado, mas rebelde. Significa não apenas o triunfo do *ego*, mas também o do princípio do prazer, que pode aqui se afirmar contra a crueldade das circunstâncias reais” (O Humor, p.166). Vem de Freud essa brilhante idéia do desvio do real que é o humor, e que intuitivamente vivenciamos.

No humor, acontece esse desvio do real, com o absoluto triunfo do superego, bem afinado com a provocação do prazer. Interessa aqui dizer, com Freud, o que se segue: “ (...) o humor seria a contribuição feita ao cômico pela intervenção do superego (...) conhecemos o superego como um senhor severo. Dir-se-ia que não combina o fato de o superego condescender em capacitar o *ego* a obter uma pequena produção de prazer”. (Ib., p.168). E Freud conclui triunfante contra certezas absolutas: “(...) é verdade que, ocasionando a atitude humorística, o superego está realmente repudiando a realidade e servindo a uma ilusão”. Esse superego servidor de ilusões, arremata Freud, agora provocativo, contem revelações ainda não-desveladas: “parece que ainda temos muito o que aprender sobre a natureza do superego”. (Ib. p.169). E o humor parece abrir para tais revelações ocultas, ainda não decifradas, lembrando-nos que estas paragens são formas em que se manifesta o prazer, ainda imperscrutáveis. Riso do humor, aparentado a outras manifestações do prazer na vida humana. Vida entrelaçada

sempre também aos sonhos diurnos, às produções do psiquismo que convencionamos dizer “as formas belas da arte e da literatura”: prazer estético brotado do inconsciente. Que toco de leve, muito de leve, quase nada, a seguir.

Prazer estético: contornar o desprazer do psiquismo

Sonho diurno – Freud dá esse nome a um enredo imaginado no estado de vigília, sublinhando assim a analogia desse devaneio com o sonho. Os sonhos diurnos, como o sonho noturno, são realizações de desejo; os seus mecanismos de formação são idênticos, com o predomínio da elaboração secundária. É por isso que em “Escritores criativos e Devaneio” (1908[1907]), Freud escreve sobre a estranheza que cerca a criação artística, da qual nem os poetas conseguem explicar as razões: pois são, como nos sonhos noturnos, produtos do inconsciente, de suas elaborações primárias; “Tal como os sonhos, são realizações de desejo; tal como os sonhos, assentam em boa parte em impressões deixadas por acontecimentos infantis; tal como os sonhos, beneficiam-se, para as suas criações, de uma certa indulgência por parte da censura. Quando examinamos a sua estrutura percebemos que o motivo de desejo que atua na sua produção misturou o material de que são construídos, alterou-lhe a ordem, para constituir um novo conjunto. Em relação às lembranças de infância a que se referem, estão um pouco na mesma relação daqueles palácios barrocos de Roma com as ruínas antigas: pedra e colunas serviram de material para construir formas modernas” (Freud, *A interpretação dos sonhos*, cit. por Laplanche e Pontalis, p. 152). E são também desvios do real, como o humor, como os chistes, como os sonhos noturnos. É ainda este é o princípio que predomina vitorioso na arquitetura de Lina Bo Bardi: o uso das ruínas do antigo para erguer formas arquitetônicas modernas. É a arquitetura que eleva o uso dos materiais simples ao patamar de sonhos, e faz com que a ela produza, em nós, o prazer estético.

Lelita Oliveira Benoit

São Paulo, 3 de fevereiro de 2013